

**DROR MISHANI**

# **O DESAPARECIDO**

**AVRAHAM AVRAHAM, A PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO**

Tradução do hebraico

*Paulo Geiger*



Copyright © 2011 by Dror Mishani

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

נעלם תייר

*Projeto gráfico*

Alceu Chiesorin Nunes

Bruno Romão

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

© Tim Robinson/Trevillion Images

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Márcia Moura

Marise Leal

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mishani, Dror

O desaparecido: Avraham Avraham, a primeira investigação. Dror Mishani ; tradução Paulo Geiger. —  
1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: נעלם תייר

ISBN 978-85-359-2853-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura israelense)  
I. Geiger, Paulo II. Título.

16-00054

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura israelense 892.43

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Como foi que eles se encontraram?*

*Por acaso, como todos.*

Denis Diderot, *Jacques, o fatalista, e seu amo*

## PARTE I

# 1.

A sua frente, sentada, uma mãe. Mais uma mãe.

Era a terceira mãe que atendia naquele turno. A primeira era muito jovem e bonita. Vestia uma blusa justa de malha branca, e suas clavículas eram maravilhosas. Queixava-se de que tinham batido em seu filho fora do pátio da escola e ele a ouviu com a maior paciência e prometeu que sua queixa seria levada seriamente em consideração. A segunda mãe exigiu que a polícia mandasse investigadores seguirem sua filha, para descobrir por que ela falava ao telefone aos sussurros e à noite trancava a porta do quarto.

Em todos os seus turnos recentes apresentaram queixas semelhantes. Uma semana antes uma mulher se queixara de que a nora lhe havia rogado uma praga. Tinha certeza de que os plantonistas da delegacia paravam pessoas na rua e pediam que lhe apresentassem queixas absurdas e exageradas, para zombar dele. Nos turnos dos outros investigadores não eram apresentadas queixas desse tipo.

Eram seis e dez, e se houvesse uma janela na sala de Avraham Avraham ele veria que lá fora começava a escurecer. Sabia o que ia comprar a caminho de casa para seu jantar, e a que programa ia assistir na televisão enquanto comia. Mas,

antes disso, tinha de acalmar a terceira mãe. Olhou para o computador. Esperou o momento certo.

E então perguntou: “Você sabe por que não existem livros policiais em hebraico?”.

“O quê?”

“Por que não há livros policiais? Por que em Israel não se escrevem livros como os de Agatha Christie ou *Os homens que não amavam as mulheres*?”

“Eu não sei muita coisa a respeito de livros.”

“Então eu vou lhe dizer. É porque aqui não acontecem crimes como aqueles. Nós não temos assassinos seriais, não temos sequestros, quase não há estupradores que atacam as mulheres nas ruas. Entre nós, quando acontece um crime, geralmente o autor é o vizinho, o tio, o avô, e não é preciso fazer uma investigação complicada para descobrir quem o praticou e acabar com o mistério. Simplesmente entre nós não existe mistério. A explicação é sempre a mais simples. O que estou tentando lhe dizer é que a probabilidade de que tenha acontecido alguma coisa a seu filho é muito pequena, e não estou dizendo isso para acalmá-la. É uma questão de estatística, e não temos nenhum indício preocupante de que o caso dele é diferente. Ele vai voltar para casa em uma hora, ou em três horas, no máximo amanhã de manhã, estou lhe dizendo isso com a maior responsabilidade. O problema é que, se eu determinar agora que seu filho desapareceu e que é preciso agir imediatamente, terei de mandar guardas para a rua, para que começem logo a procurá-lo. Essa é a norma. E eu lhe afirmo, com base em minha experiência, que é muito possível que o encontremos numa situação na qual a senhora não gostaria que o encontrássemos. O que vou fazer se ele for encontrado com um cigarro de maconha? Não tenho muitas opções, serei obrigado a fazer o registro e abrir uma pasta criminal no nome dele. Por isso acho que não vale a pena começar a procurá-lo agora, a menos que um pressentimento lhe diga que algo aconteceu a ele, e a senhora possa me dar um indício, explicar por que pensa que aconteceu alguma

coisa. Se for assim, vamos abrir agora um inquérito para investigar o desaparecimento e começar as buscas. Se não, é melhor esperar até amanhã de manhã.” Ele olhou para ela, avaliando a impressão que seu discurso lhe causara. Ela parecia perdida. Não estava acostumada a tomar decisões. Ou a ficar insistindo.

Ela disse: “Não sei se aconteceu alguma coisa com ele. Ele não é de sumir desse jeito”.

Quinze minutos se passaram e eles ainda estavam lá sentados, na salinha dele, um diante do outro. Ele não tinha saído para fumar um cigarro desde as cinco horas. Seu maço de Time ainda estava sobre a mesa, na sua frente, e em cima dele um pequeno isqueiro Bic preto. Além deste, tinha isqueiros nos dois bolsos das calças e no bolso da camisa.

“Vamos repassar os fatos principais e resolver o que a senhora vai fazer quando chegar em casa, se ele ainda não tiver voltado. Está bem? A senhora diz que ele foi para o colégio, como sempre. A que horas a senhora disse? Às dez para as oito?”

“Já lhe disse que não olhei o relógio. Mas talvez fossem quinze para as oito, como toda manhã.”

Ele afastou o teclado do computador e escreveu algumas frases curtas numa folha de papel, usando uma esferográfica sem tampa que achara em sua gaveta. Sua maneira de segurar a caneta era estranha, os dedos muito próximos da extremidade, e usando todos os dedos. As pontas dos dedos já estavam salpicadas de tinta azul.

“A hora exata não tem importância, minha senhora. Ele levou uma mochila comum? A senhora prestou atenção se ele estava levando alguma coisa diferente do normal, se a mochila era especialmente grande, se estão faltando roupas no armário?”

“Não procurei no armário.”

“E quando a senhora descobriu que ele não tinha levado o celular?”

“Durante o dia, quando limpei o quarto dele.”

“A senhora limpa o quarto dele todo dia?”

“O quê? Todo dia não. Às vezes, quando está sujo.”

Ela até lhe parecia ser alguém que faz faxina todo dia. Miudinha, mãos pequenas, sentada na ponta da cadeira, as costas eretas, sobre os joelhos uma bolsa de couro preto já desbotada. Com uma das mãos segurava a bolsa e com a outra um pequeno celular, um aparelho azul da Samsung, modelo antigo. E essa mãe encurvada, com um filho de dezesseis anos, tinha mais ou menos a sua idade, talvez fosse uns dois anos mais velha. Não tinha mais de quarenta anos. Não anotou todas essas coisas, que para ele não eram tão importantes.

“O celular estava desligado, certo? Não foi isso que a senhora disse?”

“Sim, estava desligado. Estava no quarto, em cima da mesa dele.”

“E a senhora o ligou?”

“Não acendi não. Você acha que devia ter acendido?”

Esta era a primeira pergunta que ela lhe fazia. Seus dedos apertaram a bolsa, e ele teve a impressão de ter ouvido um novo tom na voz dela, como se ele lhe tivesse dito que se ela ligasse o telefone ele ia tocar e seu filho estaria na linha e lhe diria que estava a caminho de casa.

“Eu não sei, minha senhora, mas, seja como for, eu lhe aconselho a ligá-lo assim que voltar.”

“Assim que achei o telefone tive uma sensação ruim. Não me lembro de ele ter esquecido o telefone nenhuma vez.”

“Sim, a senhora já ressaltou isso. Para o colega do colégio a senhora só ligou depois do meio-dia, certo?”

“Esperei até as quatro, porque às vezes ele atrasa um pouco, e às quartas-feiras eles têm aula até mais tarde e ele volta às três, três e meia. Às quatro eu telefonei.”

“E a senhora acredita no colega dele.”

“Sim”, que começa resoluto e se torna hesitante. “Por

quê, o senhor acha que ele mentiu? Ele ouviu que eu estava preocupada.”

“Não sei se ele mentiu, minha senhora, eu não o conheço. Sei apenas que amigos às vezes protegem uns aos outros, e que se seu filho resolveu matar aula hoje e ir até Tel Aviv para, por exemplo, fazer uma tatuagem, ele poderia ter contado isso ao melhor amigo e lhe pedido que não contasse a ninguém.”

Será que isso é o que eu teria feito? Pensou, e não sabia se os alunos ainda usavam o termo “matar aula”. Talvez por ela estar tão petrificada, tão assustada com a situação, com o fato de estar sentada na sala dos interrogatórios, com a farda dele, e talvez devido à hora avançada, não lhe contou que tinha estudado naquela mesma escola e que se lembrava das manhãs em que ia para o ponto de ônibus no começo da rua Shenker e esperava pelos da linha 1 ou 3, para viajar até Tel Aviv em vez de ir para o colégio. Ele não contava isso a ninguém, nem mesmo a seus poucos amigos. E tinha uma história pronta para ser contada como explicação, para o caso de deparar com uma das professoras.

“Por que iria viajar sem dizer nada? Ele nunca fez uma coisa dessas em toda a sua vida.”

“Talvez sim, talvez não, é bom esclarecer isso. Se ele não estiver em casa quando a senhora voltar, recomendo que fale de novo com o amigo, e talvez com outros colegas, e verifique se tem lugares para onde ele viaja de vez em quando. Talvez ele tenha uma namorada que a senhora não conhece, talvez alguma outra coisa. E tente se lembrar, quem sabe ele mencionou algo sobre ter planos para a quarta-feira? Quem sabe ele lhe contou e a senhora esqueceu?”

“Que planos ele teria? Não me contou nada.”

“E quanto aos irmãos? Talvez ele tenha contado a eles algo que poderia nos acalmar. Ou para outros parentes, um primo, um avô, quem sabe?”

Ele teve a impressão de que essa pergunta de novo desperta-  
ra nela alguma coisa, a ponta de um pensamento, mas só por

um breve instante. E talvez estivesse enganado. Ela viera à delegacia de polícia na esperança de que alguém em vez dela assumisse a responsabilidade e começasse a procurar, e aquela conversa a tinha confundido. Não era ela quem deveria estar aqui sentada. Se seu marido estivesse no país, estaria ele, e não ela, sentado na sala de Avraham Avraham, ia dar alguns telefonemas, ameaçar, mobilizar seus contatos. Ao passo que ela está sendo mandada de volta para casa, sozinha, com instruções de como continuar ela mesma a procurar o filho, e o investigador que está sentado diante dela fala desse filho como se ele fosse outra pessoa. O fato de ele ter começado a falar no plural para que ela não percebesse que estava sozinha com sua preocupação de nada adiantara. Ele achava que ela queria que a conversa chegasse ao fim, e assim mesmo ela não queria voltar para casa. Já ele queria muito. E exatamente então, sem que ela percebesse, escreveu Ofer Sharavi no alto de uma folha de papel e traçou duas linhas tortas embaixo desse nome.

“Ele quase não fala com os irmãos dele”, ela disse. “O irmão tem cinco anos, e com a irmã ele não tem muita intimidade.”

“Mal não vai fazer. Fora isso, vocês têm computadores em casa?”

“Tem computador. No quarto dele e do irmão.”

“Então eis aí outra coisa que a senhora pode fazer. Dê uma olhada nos e-mails dele, no Facebook, se é que ele tem. Talvez tenha escrito para alguém algo que possa nos deixar desocupados. A senhora sabe como se faz?”

Ele já compreendera que ela não tinha intenção de fazê-lo, então por que lhe dissera isso? Ela vai voltar para casa e ficar esperando. Cada toque do telefone e cada barulhinho na escada vão fazê-la pular. E mesmo que seu filho não volte à noite ela não vai fazer nada. Vai esperar pela manhã e voltar à delegacia, vestindo as mesmas roupas, que não terá tirado durante a noite inteira. Ia voltar até ele. Talvez se comunicasse novamente com o marido, mas ele não poderia lhe facilitar em nada as coisas.

Houve um silêncio. Ela não havia respondido a sua pergunta

sobre o computador porque ficara ofendida, ou porque tinha vergonha de reconhecer que não saberia fazer o que ele tinha proposto.

“Veja, minha senhora, estou realmente tentando ajudar. Não há registros de ocorrência contra seu filho, e a senhora afirma que ele não está envolvido em nada que seja fora do normal. Garotos bem-comportados não desaparecem. Eles podem resolver não ir à escola, fugir de casa por algumas horas ou ficar com vergonha de voltar para casa porque aconteceu algo que eles acham terrível e pensam que não serão perdoados por isso, apesar de geralmente ser coisa de pouca importância. Mas não desaparecem. Vou lhe descrever um roteiro possível: seu filho resolveu não ir ao colégio hoje porque ia ter uma prova importante e ele não estava preparado. Sabe se ele tinha tinha alguma prova hoje? Quem sabe a senhora pergunta ao amigo dele. Ele não estava preparado, e como está acostumado a tirar boas notas não quis decepcionar os pais dele, então não foi ao colégio e em vez disso ficou circulando pelas ruas ou foi a algum shopping, e foi visto por alguma professora ou por alguém que conhece vocês, e ele se assustou e ficou certo de que todo mundo ia saber que ele matou aula e por isso não voltou para casa. Isso é o que acontece com crianças bem-comportadas. Então, se é que a senhora não está me escondendo nada sobre ele, não tem com que se preocupar.”

A voz dela estava trêmula. “O que tenho para esconder? Quero que vocês o encontrem. Sem o celular ele não tem como se comunicar...”

A conversa não estava levando a lugar nenhum. Era preciso interrompê-la. Avraham Avraham suspirou e disse então: “Seu marido só volta daqui a alguns dias?”.

“Duas semanas. Está seguindo de navio para Trieste. Só poderá desembarcar dentro de quatro dias, na primeira ancoragem.”

“Ele não vai precisar desembarcar em lugar nenhum. Onde estão agora os irmãos de Ofer?”

“Com a vizinha.”

Percebeu de repente que pela primeira vez na conversa tinha pronunciado o nome do garoto em voz alta. Ofer. Era um nome tão bonito, e ele logo trocou seu próprio nome pelo do garoto, como fazia sempre que ouvia nomes bonitos. Em sua cabeça rolou mais um nome que nunca iria ter: Ofer Avraham. O inspetor-geral da polícia, Ofer Avraham, comunicou hoje que se demitia por motivos pessoais.

“Acho que a senhora deve ir para casa e ver seus filhos, e lhe garanto que não vamos precisar nos encontrar amanhã. Em todo caso, vou pedir que entrem em contato com a senhora pela manhã, para verificar como estão as coisas.”

Ele pousou a caneta sobre a folha de papel e endireitou as costas, apoiando-as no encosto da cadeira. Ela não se levantou. Se não lhe disser explicitamente que a conversa terminou, não irá embora. Vamos lá, talvez possa lhe fazer mais algumas perguntas, ela não quer ficar sozinha de jeito nenhum. Só então Avraham Avraham notou que durante a conversa, sem que percebesse, tinha desenhado na parte inferior da folha de papel uma figura humana na cor azul – um traço comprido representando o tronco, a barriga e pescoço juntos, em uma de suas pontas dois traços em diagonal representando as pernas e na outra ponta duas linhas para os braços e em cima um círculo representando a cabeça – e enrolada em torno do círculo algo que parecia uma corda, da qual pingavam gotas azuis de sangue. Ou quem sabe lágrimas? Mesmo sem ter motivo para isso, ele pôs a mão sobre o desenho. Seus dedos estavam sujos de tinta azul.

O céu sobre a delegacia de polícia e o instituto tecnológico já estava completamente escuro quando ele saiu do prédio, depois das sete. Seguiu à direita, percorrendo a rua Fichman, depois à esquerda, pela rua Golda Meir, misturando-se aos que caminhavam pela longa pista que liga os bairros de Neve Remez e Kiriat Sharet, tentando não se deixar arrastar pela cadência esportiva daquelas caminhadas. Devagar, mais devagar. Era

uma noite agradável, no início de maio. Nos próximos meses não haveria muitas noites agradáveis como essa.

Com seus passos lentos estava bloqueando o avanço dos que iam atrás, a maioria mais velhos que ele uns vinte ou trinta anos, vestindo calças de training e camisetas. Eles diminuíam o ritmo e hesitavam um instante antes de desviar para a areia, contornar num rápido manquejar o policial fardado e voltar para a pista de asfalto. Uma mulher que tinha idade para ser sua mãe esbarrou em seu braço, virou-se e disse “Desculpe”, e de repente o barulho dos carros que passavam na rua irrompeu em suas orelhas, como se alguém tivesse retirado delas tampões. Avraham Avraham se deu conta de que durante alguns minutos não tinha escutado nada. Só estava ouvindo a si mesmo, numa conversa interior. Essa mulher não o deixava em paz. Lembrou-se do assassinato de Inbal Amram. No texto do veredito, que foi enviado por e-mail a todos os policiais do país, o tribunal estabelecera que a polícia tinha relaxado nas buscas e era responsável por sua morte. Mas as circunstâncias agora eram totalmente diferentes. O filho da mulher que antes sentara a sua frente não tinha desaparecido à noite, e não havia nenhum indício que justificasse a adoção imediata do procedimento-padrão para casos de desaparecimento e uma busca abrangente e cara já nessa fase da ocorrência. E Avraham Avraham até tinha se dado o trabalho de esclarecer junto aos hospitais da região, na presença da mãe, se em algum deles chegara um rapaz de nome Ofer Sharavi, ou que correspondesse a sua descrição. Antes de ela sair da delegacia, ele pedira que lhe passassem qualquer informação relevante, e que o contatassem no meio da noite se fosse necessário. Orientara a mãe sobre como continuar ela mesma a procura, e passara ao plantonista a descrição da mochila preta com listras brancas, imitação de Adidas – talvez ela fosse mencionada em relatos sobre objetos suspeitos encontrados nas imediações. Qualquer outra ação investigativa àquela altura seria um desperdício de recursos, e ele ainda poderia ser repreendido por isso. Mas se alguma coisa

acontecesse ao rapaz durante a noite, algo que poderia ter sido evitado, a repreensão seria em dobro. Estava arrependido do que tinha dito à mãe sobre livros de suspense e sobre a estatística dos crimes em Israel. Inbal Amram fora assassinada por um ladrão de automóveis que não a conhecia, durante um assalto que se complicara. Prometeu a si mesmo parar com aquelas elucubrações.

Houve época em que aqui só havia areia. Agora é tudo transparente, feito de vidro. Nas dunas entre Neve Remez e Kiriat Sharet, os dois bairros residenciais cinzentos onde tinha morado durante quase toda a vida, haviam brotado torres de moradias, uma biblioteca municipal, um museu de design e um shopping que no escuro pareciam estações espaciais na Lua. No caminho para Kiriat Sharet, à sua esquerda, brilhavam os letreiros da Zara, do Office Depot e do café Joe, e ele hesitou, sem saber se devia ou não atravessar a rua, entrar no shopping, pedir um café e um sanduíche de queijo e sentar junto a uma das mesas vazias no lado de fora para contemplar as tranquilizantes luzes dos carros que passavam e pensar. Como em quase todas as noites, ele não fez isso.

Ele queria pensar em outras investigações. Havia uma – na qual não aparecera nem a pontinha do fio da meada – de três assaltos com arrombamento numa única semana, em duas ruas próximas, em Kiriat Ben Gurion. Todos os assaltos tinham acontecido durante o dia, quando os moradores não estavam em casa. Assaltos limpos, sem fechaduras quebradas ou grades serradas. Os assaltantes sabiam exatamente que horas os moradores chegavam e saíam, e abriam portas trancadas sem fazer barulho. Não eram assaltos improvisados feitos por gente drogada. Foram roubados talões de cheque, joias, dinheiro em espécie. Num dos apartamentos, um cofre fora arrombado. Era uma investigação frustrante. A única orientação real que ele poderia lhe dar era esperar pelos próximos assaltos na esperan-

ça de que os assaltantes deixassem para trás alguma pista para o laboratório de identificação criminal, o que não tinha acontecido nos assaltos anteriores, ou que parte do material roubado aparecesse em algum depósito, para haver alguém que ele pudesse interrogar. E tinha o palpite que não ousara admitir ou reconhecer nas reuniões da equipe de investigação: o de que só um dos três assaltos fora de verdade, ou seja, que só um deles tivera real importância para os assaltantes. E de que aquilo que procuravam, e talvez tivessem achado, não se relacionava com dinheiro ou com bens. Os outros dois assaltos eram para confundir a polícia.

Na outra investigação, até que estava indo bem, mas nos dois últimos dias as coisas se complicaram. Um rapaz de vinte anos chamado Igor Kintiev, depois de dar baixa do serviço militar, fora preso como suspeito por uma série de assédios e ataques a mulheres num calçadão em Bat Iam, que tinham ocorrido durante quase dois meses, com intervalos. Ele foi pego numa operação simples de vigilância de alguns detetives quando, andando para lá e para cá no calçadão, começava a seguir as mulheres – em geral mais velhas que ele, com mais de quarenta anos –, depois se virava e seguia na direção contrária, ou atravessava a rua, até avistar outra mulher, e começava a segui-la também. Quatro das sete mulheres assediadas o identificaram na linha de suspeitos. Nos primeiros interrogatórios ele negou tudo, até que anteontem começou a falar e reconheceu dezenas de ações criminosas que não faziam parte daquela investigação, como, por exemplo, o incêndio num condomínio de idosos em Hadera, dois anos antes, e uma tentativa de incêndio num restaurante em Guiv'at Olga em 2005 que nem sequer fora registrada ou comunicada. Era um rapaz estranho e falava um hebraico esquisito, todo desconexo. Sua mãe havia ficado em Kazan, o pai morrera em Israel. Não tinha endereço fixo. Tinha morado alguns meses num porão alugado em Hadera, e havia seis meses se mudara para a casa de parentes em Bat Iam, por causa do trabalho. Avraham Avraham não acreditara em uma

só palavra. Num dos assédios, numa sexta-feira à noite, no meio do calçadão, ele tinha agarrado o braço da diretora de marketing de uma firma de cosméticos e enfiara a mão dela, à força, dentro de sua calça. Quando foi preso, estava sem documentos e não tinha um tostão no bolso, mas em sua mochila havia uma bússola nova e sofisticada e um exemplar do livro *Uma história simples*, de Shai Agnon, em uma edição escolar especial, uma brochura esfarrapada de cor azul desbotada e já descascando. Na primeira página, uma dedicatória escrita à mão em 10 de agosto de 1993: “A Ioa’le, a história de um amor simples desperdiçado”. O nome de quem a escrevera fora apagado com um corretor.

Avraham Avraham não sabia por que pensava naquilo em que estava pensando. E por algum motivo abriu a cortina de sua imaginação nos quartos de Ofer Sharavi e de seus irmãos. Uma cortina antiga, pesada, de cor creme, assim a viam seus olhos. Ocupou-se principalmente com a questão da diferença de idade entre as crianças. Um rapaz de dezesseis anos, uma garota de catorze e um menino de cinco. Por que o intervalo de nove anos entre a garota e o menino? Por que um casal como esse começa a trazer crianças ao mundo e depois interrompe e espera tanto tempo assim? Talvez devido à situação financeira da família, ou problemas de saúde, uma crise na vida conjugal. E quem sabe a mãe engravidara e tivera um aborto natural? Por que, com os diabos, tudo precisa ter uma explicação? Depois ele pensou no horário das oito da manhã. As três crianças vão para a escola e para o jardim de infância, e a mãe fica sozinha. Na casa reina o silêncio. Os quartos estão vazios. Ouve-se o roçar das cortinas brancas na sala. E o que ela começa a fazer? Talvez circule pelos quartos silenciosos. O quarto dos meninos, grande, com um sofá-cama que também tem uma escrivaninha, e sobre ela o monitor do computador antigo, e no outro lado uma cama de criança com estrado de madeira. E o quarto

da filha, pequeno, caiado, com um espelho comprido pendurado em frente à porta, onde ela se encontra com ela mesma. Na imaginação dele, ela tem nas mãos uma cesta de roupa suja e caminha sobre o mármore.

Na rua Alufei Tsahal, a rua principal na entrada para Kiriat Sharet, cinco rapazes e moças esperavam o ônibus da linha 97, cujo ponto final é na estação de trem no norte de Tel Aviv. Uma das moças, baixa e corpulenta e cheia de uma ruidosa animação, vestindo um collant preto que não lhe favorecia e um suéter de malha cinzenta da GAP, mostrava a um dos rapazes alguma coisa em seu iPod. Ela tentava convencê-lo a enfiar um fone de ouvido na orelha, e ele recusava, com expressão de nojo. Avraham Avraham lançou-lhes um demorado olhar e, sem que tivesse tal intenção, sério demais, e eles se calaram quando passou por eles, e depois riram. A garota do iPod deve ter feito um gesto engraçado. Será que Ofer estava lá, entre eles? Ele tem de estar lá, e se não for lá, então em outro ponto de ônibus qualquer.

Já no fim da conversa, um momento antes de concordar em ir embora, a mãe lhe dissera que Ofer já havia fugido de casa duas vezes. Na primeira vez, quando ainda não tinha doze anos, foi a pé – “com sandálias de dedo”, disse ela – até Ramat Gan, para a casa dos avós. Isso aconteceu em um dos feriados, por causa de uma briga que tivera com o pai. Há mais ou menos um ano tivera uma briga com ela, saiu de casa ao meio-dia dizendo que não ia voltar. No fim voltou, depois das nove da noite. Entrou em casa usando a chave dele e foi direto para o quarto que dividia com o irmão, sem contar o que fizera naquele noite. E não falaram mais sobre isso. Ele perguntou a ela por que não tinha procurado a polícia naquela ocasião, e ela não respondeu. Pelo visto a resposta seria que naquele momento o pai estava em casa. Na imaginação de Avraham Avraham, congelou-se uma imagem. Ofer Sharavi, de cuja aparência ele ainda não fazia ideia, pousando sua mochila preta num banco de um jardim público escuro e totalmente deserto, deitando-se de costas e se cobrindo com um suéter de malha cinzento,

como o da garota no ponto do ônibus. Ele se prepara para dormir. No jardim não há ninguém além de Ofer, e isso é bom. Ele não corre perigo.

Avraham Avraham passou em frente ao prédio no qual fora criado, na rua Alufei Tsahal número 26, a casa de seus pais. Instintivamente ergueu a cabeça para olhar a janela no terceiro andar. Tudo fechado e sem sinal de vida. Havia quanto tempo não vinha até aqui? No segundo andar as persianas estavam abertas, e um homem sem camisa, sentado no peitoril da janela e de costas para a rua, olhava para a sala iluminada, de onde se ouvia o som de uma televisão. Daqui a pouco iam transmitir o noticiário. O vizinho falava com alguém dentro de casa, talvez sua mulher, que estaria na cozinha. Este era um dos vizinhos que tinham encontrado seu pai no vão da escada, alguns anos antes, depois do infarto.

Continuou a andar, subindo a rua, e entrou no supermercado dos georgianos. Por um instante pensou em mudar seu programa, em preparar para si uma refeição que o ajudasse a afastar aqueles pensamentos e o alegrasse. Talvez uma simples garrafa de Côtes du Rhône e um pacote de ravióli pré-cozido que esquentaria em água fervendo, acrescentando um pouco de azeite e salpicando com queijo ralado. Mas alguma coisa novamente o fez desanimar. Foi até um refrigerador de onde tirou uma caixinha com uma porção individual de tahine picante, depois apalpou com as mãos nuas os poucos pãezinhos que tinham sobrado no armário dos pães até encontrar um quase macio. Já perto da caixa acrescentou à sua cesta uma pequena embalagem de tomates-cereja. Se não tivesse esquecido de trazer o papel no qual anotara o endereço, voltaria para casa, entraria no carro e iria até o prédio onde a mãe estava esperando e ali ficaria vigiando até ver Ofer Sharavi entrar no vestíbulo e ouvir os gritos e o choro dela. Ia dormir melhor. Mas esqueceria de trazer a folha de papel, apesar de tê-la dobrado num

pequeno retângulo, com a intenção de guardá-la no bolso da camisa. Talvez não tivesse querido trazer o desenho que a tinha assustado, sem motivo. Teve uma ideia: podia ligar para Ilana e se aconselhar com ela. Se Ilana lhe dissesse para voltar à delegacia e acionar imediatamente todos os procedimentos de uma ocorrência de desaparecido, era isso que iria fazer, apesar de ser tão tarde. Mas, se ligasse para ela, estaria revelando mais uma vez sua insegurança, e isso ele não queria fazer. Pagou com cartão de crédito para não gastar o pouco dinheiro que tinha na carteira.

Voltou pela Alufei Tsahal, tornou a passar pela casa dos pais e resolveu que não valia a pena subir. O pai com certeza estava sentado no escuro diante da televisão, assistindo ao noticiário, e essa era a pior hora para incomodá-lo. A mãe, se não tivesse saído para caminhar, estaria junto à mesa da cozinha falando ao telefone. Não estava disposto a ouvi-la. Mesmo assim a voz dela ressoou em sua cabeça, dizendo para alguma amiga: “Oh, olha o Avi chegando, tenho de correr e esquentar algo para ele comer”. Preferiu comer sozinho e assistir no canal Hallmark a um episódio antigo da terceira temporada da série *Law & Order*, que já vira um sem-número de vezes. A cada vez que assistia, descobria algo novo. Mais um erro na investigação, uma nova maneira de inocentar um acusado. Desceu a rua e virou à esquerda, andou durante cerca de três minutos junto a prédios silenciosos e mergulhados na escuridão, até chegar a seu prédio, na rua Iom Hakipurim.

Durante a noite deixaria o celular ao lado da cama, para o caso de alguém da delegacia ligar.